

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAGDA NUNES GANCINÉ

A UTOPIA CIENTÍFICA DE GABRIEL TARDE COMO SÁTIRA AS MUDANÇAS
PEDAGÓGICAS NA FRANÇA DO SÉCULO XIX

CURITIBA

2018

MAGDA NUNES GANCINÉ

A UTOPIA CIENTÍFICA DE GABRIEL TARDE COMO SÁTIRA AS MUDANÇAS
PEDAGÓGICAS NA FRANÇA DO SÉCULO XIX

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito à conclusão do curso de História – Bacharelado e Licenciatura, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien
Co-orientador: Me. Bolívar Teston de Escobar

CURITIBA

2018

*“O esquecimento é o começo da felicidade,
assim como o temor é o começo da sabedoria.”*
Gabriel Tarde

RESUMO

No ano de 1896 vem a público o conto *Fragmento de História Futura*, escrito pelo professor do Collège de France Gabriel Tarde. Obra atípica do autor em meio a seus escritos acerca de psicologia e criminologia, se trata de uma ficção especulativa sobre a continuidade da humanidade em vida subterrânea após uma catástrofe natural. Averiguando a vida acadêmica pregressa de Gabriel Tarde, não é mais possível ler o *Fragmento* como uma simples história jocosa inspirada na literatura de relatos de viagem. Além disso, conhecendo o contexto francês de reformas pedagógicas ocorrendo ao longo do século XIX, em especial relacionadas ao surgimento da sociologia no âmbito universitário, percebe-se que a obra possui elementos satíricos e contrários a propostas vindas principalmente de Émile Durkheim, sociólogo contemporâneo e crítico de Tarde. Utilizando a linguagem da literatura utópica, o autor faz uso de sua posição intermediária entre a academia e o literato independente, tão caro as críticas dos durkheimianos, que o acusavam de anticientífico. Tarde, tanto nessa obra quanto em sua carreira no ensino e no direito, foi uma figura onde o academicismo e o conhecimento autodidata se encontravam e dialogavam com ironia.

Palavras-chave: Utopia, Gabriel Tarde, Literatura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A SOLUÇÃO INEXISTENTE.....	8
2.1	EXEGESE DA UTOPIA	8
2.2	CARACTERÍSTICAS COMUNS	10
2.3	OBRAS ELENCADAS	13
2.4	SEGMENTAÇÃO ANTIUTÓPICA.....	14
3	ENTARDECER DA VELHA EDUCAÇÃO	16
4	QUEM FOI TARDE?	20
4.1	RESUMO DE FRAGMENTO DE HISTÓRIA FUTURA.....	25
4.1.1	Capítulo 1: Prosperidade	25
4.1.2	Capítulo 2: A Catástrofe	26
4.1.3	Capítulo 3: A Luta	26
4.1.4	Capítulo 4: A Salvação	27
4.1.5	Capítulo 5: A Regeneração	27
4.1.6	Capítulo 6: O Amor	27
4.1.7	Capítulo 7: A Vida Estética	28
5	FRAGMENTO SOBRE FRAGMENTAÇÃO	29
6	CONCLUSÃO.....	34
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

Existe um desejo aflitivo de busca por um lugar que seja um abrigo de bem-estar social e moral quando há incômodo sobre a vida real, que ofereça esperança à incerteza do mundo. A literatura reflete esses desejos humanos e ultrapassa seus limites dentro de gêneros fantásticos como a ficção científica, com grande liberdade na criatividade para se criar mundos, fugas, formas políticas, conflitos, biologia, idiomas, enfim, o limite é a imaginação do autor. Um desses subgêneros é a literatura utópica. Dentro de si mesma, a utopia é uma solução social e política, o ideal imutável. No entanto, aplicada à realidade, a mínima mudança em sua ordenação pode levar ao caos.

Este trabalho busca auxiliar na interpretação de uma obra utópica específica dentro do recorte cronológico do final do século XIX, o conto *Fragmento de História Futura*, de Gabriel Tarde, publicado em 1896 na França. Essa obra foi escrita e reescrita algumas vezes antes de sua publicação, e certos detalhes nela contidos fazem todo sentido com seu contexto. O século XIX foi rico em projetos de melhoria social e, neste trabalho, será abordado o local de discussão na academia francesa com o crescimento das diferenciações entre as ciências sociais, em especial, a sociologia.

Esta monografia está dividida em quatro capítulos, iniciando com a discussão a respeito do termo utopia dentro do contexto europeu. Em seguida, é dado um breve panorama das discussões pedagógicas na França, com destaque para a especialização das ciências sociais proposta por Émile Durkheim. Após, é dedicado uma parte à biografia de Gabriel Tarde, sua relação com Durkheim e um resumo breve apresentando o *Fragmento de História Futura*, interpretado à luz das discussões da época e da leitura enviesada de Tarde.

Como projetos dentro das possibilidades reais se comunicam com o projeto da utopia? Como a utopia de Tarde serve de crítica e sátira a propostas sociológicas que estavam em desacordo com suas convicções? O exagero e extrapolação de ideias é a linguagem adequada para se expor dissidências de pensamento? A literatura dialoga e se confunde com documentação histórica quando se percebe a relação dela com o contexto, e não como uma história cômica sem laços com o social onde foi imaginada. Por mais que se trate de um relato do futuro, o *Fragmento*

trata de questões do presente – e de um passado recente – na discussão entre Gabriel Tarde e durkheimianos.

2 A SOLUÇÃO INEXISTENTE

2.1 EXEGESE DA UTOPIA

Antes de nos debruçarmos sobre o significado da palavra em dicionário, originada da literatura, é importante lembrar que o pensamento utópico não se limita à ficção. A busca do ideal é um projeto humanista para se alcançar o controle de seu próprio destino, partindo do homem para chegar à perfectibilidade social, o cume da vida em coletividade e uma projeção da noção de eternidade, não só no mundo das ideias, mas sua aplicação no mundo real. Dentro do contexto europeu, visto neste trabalho, o pensamento utópico é um processo burguês de aplicação da razão na sociedade e antecipação para o que se espera para o futuro numa proposta reformista de pensamento de que não é necessário esperar pela morte para se encontrar um lugar ou tempo de perfeição e harmonia.

A literatura, iniciando por *Utopia (Libellus vere aureus, nec minus salutaris quam festivus, de optimo rei publicae statu deque nova insula Utopia*¹), de Thomas More (1516), foi impactante não só por conceder um nome a esse pensamento, mas por apontar incongruências em sua concepção, indissociáveis de seu contexto de escrita, não apresentando uma sociedade perfeita, mas um projeto de sociedade bastante melhorada e realista, com críticas do autor à sua própria realidade, numa emulação moderna da República de Platão². Escrita num momento de grande clareza intelectual de More, suas propostas podem ser consideradas um desejo ou uma profecia, possuindo mapa, alfabeto, elementos muito próximos de uma descrição de local real, como um relato de um novo continente descoberto, pleno de *mirabilia* – maravilhas ou curiosidades de outra época ou lugar desconhecido. A partir daí, podemos perceber que a utopia proposta por More não trata de um lugar ou tempo perfeitos já atingidos, mas aperfeiçoamentos concebíveis dentro das

¹ Um verdadeiro livro de ouro, não menos benéfico que festivo, do melhor estado de uma república da nova ilha de Utopia.

² Ribeiro, Ana Cláudia Romano. *Le utopie di Thomas Morus e Ortensio Lando. Morus-Utopia e Rinascimento* 10, 2015.

falhas na natureza humana. Um projeto inacabado de um futuro utópico, algo passível de mudanças e transformações históricas.³

As flutuações semânticas da palavra utopia também se mostraram em sua aparição em dicionários, enfatizando seu caráter de impossibilidade de existir (a partir do latim *u topos*, lugar nenhum ou bom lugar) geograficamente e politicamente. Sua exegese é múltipla. O aparecimento inicial da palavra utopia em dicionário ocorreu em *A Dictionarie of the French and English Tongues*, de Randle Cotgrave, em 1611:

*Vtopie: f. An imaginarie place, or countrey.*⁴

Essa classificação coloca a utopia não mais como ideia ou gênero literário, mas como um lugar metafórico. Somente em 1762 o termo reapareceu com ampliação de significado na quarta edição de *Dictionnaire de l'Académie française*:

*UTOPIE. s.f. Titre d'un ouvrage. On le dit quelquefois figurément Du plan d'un Gouvernement imaginaire, à l'exemple de la République de Platon. L'Utopie de Thomas Morus.*⁵

O gênero utópico é a formalização do conceito. A amplitude semântica do termo já começa a se desenhar: acrescenta-se a pseudogeografia, a pseudo-história, os projetos possíveis de sociedade, o lado negativo da impossibilidade de existir, paraísos míticos do pós-vida, relatos ficcionais de viagem e de sobrevivência envolvendo um explorador até as *soap operas* do século XX, a crítica satírica dentro das obras distópicas, rejeição da cultura do presente do autor e ruptura social, ficção científica e possibilidade intelectual e filosófica de se atingir um ápice, alegoria como subterfúgio para aplicação de valores alterados, invertidos ou desvirtuados numa escrita mordaz ou conselho ficcional. Todas essas interpretações se sobrepõem e se confundem. Dentro do gênero literário, isso permite forte distinção entre obras assim

³ RODRIGUES, Henrique Estrada. *A utopia no tempo, o tempo na utopia. Texto apresentado ao Fórum De Teoria e História da Historiografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.*

⁴ Dicionário das línguas francesa e inglesa. *Vtopie: f. Um lugar imaginário, ou país.*

⁵ Dicionário da Academia Francesa. *Utopia: s.f. Título de um livro. As vezes dito figurativamente como um plano de governo imaginário, à exemplo d'A República de Platão. A Utopia de Thomas More.*

classificadas, possuindo em comum apenas o relato ou proposta de uma sociedade ideal isolada. A utopia apresenta uma realidade em que se chegou a uma solução definitiva, mas sua própria realidade seria inexistente, daí a interpretação negativa. A literatura tenta dar materialidade a um projeto tão extremo e que desconsidera tanto as oposições que não existe possibilidade de se cumprir.

A utopia se cria em si mesma, exigindo na interpretação do leitor uma atenção de que, nessa mistura de definições que passa a impressão de ser contraditória e ambígua⁶. Tal descrição deve ser vista através de lentes críticas e irônicas, como num acordo entre o autor e público, em que se pode expor o contrário ou o exagero a fim de explicitar uma verdade, como num código de cumplicidade entre as partes. O texto deve ser lido com humor para tornar a crítica menos dura ou menos fantasiosa, criando suspensão temporal de descrença⁷. A contradição faz parte da lógica da utopia, criando uma dialética literária em sua própria proposta filosófica e social. Não apenas o lugar é inexistente, como também o tempo. A utopia também se destrói em si mesma pela autoconstatação da falibilidade humana, mas isso é deixado de lado convenientemente em algumas obras para não se destruir ilusões e esperanças.

2.2 CARACTERÍSTICAS COMUNS

Dentro do gênero literário, é possível enumerar outras características comuns que aparecem com frequência dentro de seu projeto social proposto, a partir de Raymond Trousson, em *Viaggi in nessun luogo*⁸. Assíduo nas obras está o caráter isolacionista ou insularista, assegurando sua natureza pseudogeográfica; a proposta utópica se encontra numa ilha, como na *Utopia*, uma ilha no céu, como Laputa de *As Viagens de Gulliver*⁹, um local muito distante e de difícil acesso, visto em *Erewhon*¹⁰, em outro planeta ou naves nos romance planetários, no fundo do

⁶ COCOZZA, Antonio. *Utopia e società. Una critica alle società chiuse*. Armando Editore, 2004.

⁷ RODRIGUES, Henrique Estrada. *A utopia no tempo, o tempo na utopia. Texto apresentado ao Fórum De Teoria e História da Historiografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.*

⁸ TROUSSON, Raymond. *Viaggi in nessun luogo: storia letteraria del pensiero utopico*. Ravenna, 1992.

⁹ SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁰ BUTLER, Samuel. *Erewhon*. The Project Gutenberg, 2005. EBook. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/1906/1906-h/1906-h.htm>>. Acesso em: 7 de junho de 2018.

oceano (como ocorre no jogo *BioShock*¹¹), ou, como analisado no presente trabalho, uma sociedade subterrânea em *Fragmento de História Futura*. O isolamento é uma pantomima do desejo de distanciamento do resto do mundo real, refletindo nos impulsos psicológicos de sua população, que, em algumas obras, nem mesmo sabem que existem outras sociedades, ou sabendo, a veem como inimiga. Seu afastamento é físico e mental do mundo que não funciona em harmonia como a utopia, uma ameaça. É uma forma de preservação, inclusive de possíveis visitantes, que trariam consigo a deturpação do exterior, que poderia contribuir para a ruína da sociedade escondida. Também se deve considerar que as sociedades utópicas não apresentam intenção de levar suas ideias para outros locais, ou mesmo revelar sua existência.

A regulamentação rígida de sua estrutura é o que garante o controle e funcionamento. Tudo na utopia deve ser planejamento sem perturbação emocional para que não ocorram tragédias como as que ocorrem no mundo exterior e corrupto, e que seja ideal para o grupo inteiro. Não há espaço para erros ou para melhoramento; o ideal deve ser atingido de uma única vez e com a participação de todos, para que possa servir a todos. O mínimo descuido coloca em risco o delicado equilíbrio local, o que provoca a ilusão de que essa rigidez não é autoritária, mas necessária. A sua sociedade é planificada e regulada.

Para se manter a regulamentação rígida mencionada, são necessárias *leis racionais e defendidas por todos*, que devem ser tão íntegras quanto sua população e essa retidão de caráter será refletida em todos os aspectos da vida do cidadão e no ambiente. Liberdade não é problema na utopia, pois todos são iguais e não há conflito na ordenação.

Como a *sociedade utópica funciona perfeitamente e em acordo com as leis*, não há porque existir dissidências, possibilidade de revolução, resistência ou minorias. A sociedade é uniforme, formada pelos cidadãos que a seguem, defendem e que estão plenamente satisfeitos com sua rotina. Como a utopia é justa, o todo é mais importante do que uma parte descontente e na ilegalidade, fora do acordo social, que deve ser ajustado para que se mantenha o bem comum.

¹¹ Jogo eletrônico de tiro em primeira pessoa, produzido e distribuído pela 2K Games para Microsoft Windows, Xbox 360 e PlayStation 3, em 2007. Teve influências das obras de George Orwell e Aldous Huxley no roteiro para a criação de sua sociedade. No jogo existe a cidade subaquática de Rapture, construída com a intenção de ser uma utopia de artistas e intelectuais isolada da opressão e corrupção da superfície.

Em paralelo à uniformidade está o *intervencionismo extremo do estado*. As pessoas devem ser submissas a qualquer lei que garanta a harmonia e equilíbrio. Sua instituição foi criada baseada na razão, ou seja, ela tem legitimidade para se proteger caso um cidadão em particular (fora da uniformidade) ofereça risco. Ela foi criada pelas pessoas para proteger as pessoas e a si.

O *coletivismo* se sobrepõe a qualquer minoria e individualidade e garante a igualdade social. Esse coletivismo pode se mostrar como ausência de propriedades ou, no caso de um viés mais liberal da obra, o uso de bens necessários com liberdade, pois o que conta aqui é a confiança entre as pessoas. Se a sociedade funciona sempre com justiça e sem mudanças, com todas as pessoas defendendo e seguindo as leis, é natural que exista credibilidade entre as pessoas – por isso o visitante externo é tão perigoso, pois por não ser conhecido, pode provocar abalo na confiança do grupo. Essa igualdade de propriedade suprime qualquer sentimento individualista de inveja e cobiça, fonte de hostilidade. De forma metafórica, a propriedade comum revela divisão igualitária do poder político de cada cidadão baseado num estado social de cuidados comuns e fortes laços sociais.

Poder absoluto e confiança extrema na educação e ensino introjetam nas pessoas os ideais e benefícios da razão, fonte das leis e da sociedade como tal. O planejamento funciona apenas por ser fruto da razão. Logo, impulsos humanos e naturais são considerados impensados, individualistas, egoístas e anárquicos, cuja existência coloca em risco o ideal vigente, pois provocariam o surgimento de desejos particulares que não são de interesse do coletivo. O ensino sempre vem do estado, construindo mentalmente através da pedagogia uma defesa aos seus estatutos, se autorregendo e protegendo a si mesma. A tecnologia (advento da racionalidade humana) e a razão dominam a natureza, como vemos no *Fragmento*, assim como a discussão do ensino e pedagogia é muito importante para entendermos o contexto de seu autor Gabriel Tarde. Muitas utopias se baseiam em ideais de racionalidade extrema como solução para qualquer problema, mas sem a participação da tecnologia, como ocorre em utopias rurais como *A Crystal Age* (1887) de W. H. Hudson¹².

¹² A ênfase em depositar esperança na tecnologia no século XIX provocou um movimento de forte ceticismo entre autores de utopias, como ocorre em *A Crystal Age*. Considerada uma utopia pastoral onde não existem máquinas além de ferramentas simples, essa forma de literatura defende que a tecnologia não seria a solução para as agruras da vida do homem, mas o afastaria da natureza e de sua própria humanidade.

Por fim, Trousson defende que, por ser fruto de pensamento humanista e antropocentrado, a *importância da religião varia dentro das utopias ocidentais*. Dentro das religiões abraâmicas, o paraíso após a vida pode ser considerado uma utopia, mas dentro da literatura, a religião é tolerada para evitar conflitos, um poder interdependente político. Muitas vezes ela é vista como resquício de irracionalidade e, caso institucionalizada, serviria de poder paralelo hierárquico dentro de uma sociedade que é uniforme. Conhecimento (controlado) tem poder, conhecimento salva e substitui figuras míticas e salvadoras, como deuses.

Todos esses elementos aplicados conferem a imutabilidade necessária para que a sociedade utópica se mantenha equilibrada.

2.3 OBRAS ELENCADAS

Dentro deste gênero, considerando o recorte de tempo definido para este trabalho, vários autores se destacam, dentre eles Thomas More com a *Utopia* (1516), *Le Livre de la Cité des Dames* (1404) de Christine de Pizan, *A Cidade do Sol* (1602) de Tommaso Campanella, *Nova Atlântida* (1627) de Francis Bacon, *Macaria* (1641), atribuída a Samuel Hartlib e Gabriel Plattes, *La Terre Australe connue* (1676) de Gabriel de Foigny, *As Viagens de Gulliver* (1726) de Jonathan Swift, *Cândido* (1759), de Voltaire, *Vril* (1871) de Edward Bulwer-Lytton, *Erewhon* (1872) de Samuel Butler e *The Passing of Niagara* (1897) de Rebecca Harding Davis. Todas as obras citadas se localizam na penumbra da impossibilidade de seu projeto e na crítica ao seu tempo, num discurso imaginário ambíguo de conjecturas heurísticas de perfeição inatingível no mundo real. As características apresentadas no capítulo anterior podem ser encontradas nessas obras, com alguma restrição.

O século XIX foi frutífero a esse tipo de literatura especulativa, seja ela de viés científico (o *Fragmento*) ou rural (*A Crystal Age*, como já referido antes). Havia fervor e positividade com novas descobertas científicas que encantavam as mentes mais imaginativas. Considerando o limite quase inatingível da literatura, essa extrapolação corria em paralelo com propostas de engenharia gigantesca que desafiavam a natureza, como túneis entre estreitos de terra, terraformação e desflorestação para abrir mais espaço à tecnologia humana crescente, como numa disputa e posterior dependência humana. No entanto, havia hipóteses da ciência e tecnologia serem usados em proveito de interesses particulares, numa ameaça de

que o avanço científico não seria acompanhado de avanço intelectual – como exemplificado pelo recente *The Handmaid's Tale* (ATWOOD, 1985), em que a poluição oriunda de tecnologia mal aplicada foi responsável pela infertilidade de grande parte das pessoas expostas a ela e a terra está contaminada com lixo radioativo, ou em *The Machine Stops* (1909), de E. M. Forster, conto que narra o declínio da inventividade e razão humanas após as máquinas atingirem seu auge, substituindo inteiramente o engenho e criatividade. Nesse ponto de aceitação da tecnologia, as utopias não apresentam consenso. A partir do século XX, a debilidade social da utopia deu espaço a uma nova interpretação e gênero literário: a antiutopia.

2.4 SEGMENTAÇÃO ANTIUTÓPICA

Por fim, a segmentação antiutópica é um prisma de pensamento do século XX, que pode ser considerado à luz da literatura e crítica de épocas anteriores, devido à proximidade política que o controle extremo da utopia nos mostra. Retomando a questão semântica, devemos notar a diferença entre os termos utopia e eutopia. A utopia, o não lugar, percebe com ingenuidade a impossibilidade de sua existência; a eutopia, o bom lugar, é o local de perfeição, incorruptível, inalcançável, imutável em seu tempo e espaço. A ambiguidade da utopia não está somente na sua classificação em gênero literário, mas no significado de seu nome.

As fragilidades sociais da utopia existem e, caso alimentadas, tornam-se a antiutopia e distopia. O conceito aplicado ao trabalho é de que a distopia é um local de pesadelo¹³, como num mundo pós-apocalíptico onde não há mais esperança, apenas sofrimento e desordem¹⁴. A antiutopia está muito próxima da utopia, como lados de uma moeda. É um terror e subversão silenciosos que existem nas pequenas infrações dos cidadãos, ou quando se há comparação entre o mundo externo – graças ao relato do viajante – que dá origem a dúvida: a sociedade ideal é satisfatória?

¹³ MOYLAN, Tom. *Dark horizons: Science fiction and the dystopian imagination*. Psychology Press, 2003. p. 14.

¹⁴ DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2014. p. 14.

A necessidade de imutabilidade torna a utopia muito frágil, um tempo homogêneo, porém vazio. A utopia sempre é, ela é sempre presente, imutável, perfeita. Nunca está no futuro. Não tem história. É o fim da história. As características elencadas anteriormente em 2.2 apresentam todas elas a semente antiutópica. Elas desconsideram individualidades, funcionam a partir do controle social e está descontinuada do processo histórico, pois seu presente é igual ao futuro: ideal, fixo, eterno, pois não se considera que exista espaço para melhora. Para os cidadãos que vivem dentro das regras, a sociedade é perfeita. Ceder à curiosidade é ceder a paixões humanas, e a utopia combate o natural, a antiutopia é percepção desse controle como absoluto e castrador. A emoção humana é um desequilíbrio, a perfeição é a previsibilidade humana.

A tirania nas antiutopias e distopias são intolerantes na busca de perfeição, criando uma sociedade fechada em que o poder não se contenta em controlar a economia ou a cultura, mas quer controlar as mentes também e o desejo de imaginar, não deixar espaço para possibilidades que não a apresentada e imposta pelo estado. A antiutopia define-se, portanto, como o desencontro das necessidades sociais e individuais dentro da utopia caladas a partir do controle político¹⁵. Vemos esses elementos no *Fragmento de História Futura*, em que sua sociedade, planejada entusiasticamente nos pequenos detalhes para ser a solução ideal para o que restou da espécie humana, chegou a um ponto tão pequeno e específico que, ao final do conto, o leitor já não ousa chamá-lo de literatura utópica em frente à tragédia e falha no plano inicial.

Colocado nesse capítulo uma interpretação fluida de projeto sobre a palavra utopia e algumas etiquetas que identificam uma obra como utópica, passaremos aos próximos segmentos do trabalho em que essas características serão identificadas no contexto da educação francesa do século XIX, no enredo do *Fragmento de História Futura* e como essa obra satiriza a discussão sobre o projeto pedagógico.

¹⁵ JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah, eds. *The Cambridge companion to science fiction*. Cambridge University Press, 2003. P. 220.

3 ENTARDECER DA VELHA EDUCAÇÃO

Em continuidade à ideia de ruptura apresentada no capítulo anterior, aqui ela é apresentada através das reformas pedagógicas que vinham ganhando espaço nos locais de produção de conhecimento em ciências sociais na França, apresentando as propostas de Émile Durkheim no final do século XIX de especialização de conhecimentos e conflito com Gabriel Tarde.

Saindo das propostas literárias ficcionais, passamos agora para projetos reais envolvendo educação. A discussão acadêmica não acontecia unicamente na França durante o século XIX. Para compreendermos o acontecido ao final desse período, devemos ver brevemente o que ocorria nas universidades alemãs anteriormente, pois de lá veio muita influência para a academia francesa. Sob influência do positivismo, ocorria uma contínua especialização dos saberes. Importante notar que, nesse contexto, o positivismo era citado de modo derogatório, ocorrendo principalmente no período entre 1840 e 1880. Essa especialização derivada das ideias de Auguste Comte era criticada por conter uma objetividade ingênua, simplificando complexidades em “fatos básicos”, bastante determinista e materialista, reduzindo em excesso as conjecturas mentais que não poderiam ser explicadas por ciências exatas. A especialização dos campos de conhecimento, seguindo esse modelo, separa o diálogo entre eles em vez de criar pontes entre eles, criando medo de ocorrer fragmentação intelectual ou incoerência cognitiva em áreas como a filosofia¹⁶.

Um nome importante contrário ao positivismo aplicado às ciências na Alemanha foi Georg Simmel, que falou em “tragédia na cultura” como o resultado da divisão da mente objetiva e subjetiva. Essa separação empobreceria o intelecto no indivíduo, tornando-o um autômato, no caso de objetiva-lo em excesso, e no outro caso, uma pessoa sensível odiaria a cultura objetiva¹⁷. A especialização científica e racionalização do social seriam predatórias ao desenvolvimento humano e cultura, gerando temor a respeito de visões de futuro e civilizações pautadas nesses princípios.

¹⁶ RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992. p. 200.

¹⁷ RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992. p. 201.

A obra de Émile Durkheim, *Da divisão do trabalho social* (1893), é um exemplo do positivismo social na França. Enquanto na Alemanha esse modelo de ensino já era evitado e bastante criticado, entre os franceses foi uma ideia bem recebida por razões políticas. Durkheim fazia parte dos intelectuais republicanos após o final do Segundo Império, partidário da república liberal que se sucedeu a partir de 1877 e, entre eles, uma filosofia da ciência bastante analítica e definida metodologicamente serviria a suas ambições acadêmicas dentro dos ideais republicanos¹⁸.

A reforma educacional proposta pelos republicanos visava mudanças a partir de métodos baseados na diversificação dos programas em vista das diferentes demandas de ensino, ampliando um acesso unicamente centrado em matérias dominadas por uma elite social. Tal método antigo criava apenas outra hierarquia social dentro das universidades, pois não havia propostas econômicas de fato para remover obstáculos e promover isonomia ao seu acesso. Seus discursos se baseavam em acessibilidade sem discutir economia, como abrir vagas a estudantes com menos condições financeiras e criar pluralidades de ideias.

Nos círculos intelectuais, ocorria a discussão sobre o fazer científico num sentido amplo, mas nem sempre articulando as ciências humanas das ciências naturais. Dentre as ciências humanas, também havia querelas envolvendo estudiosos de Letras, que viam a literatura ser preterida como de menor importância acadêmica. A literatura não tinha serventia para se analisar contextos históricos, lhe faltando método e rigor segundo os reformistas. As áreas de conhecimento eram consideradas separadamente, contudo, o progresso da ciência, para eles, estava intrinsecamente conectado ao avanço da democracia¹⁹, um tema importante e legitimador para a ideologia política que mantinha nesse período.

Retomando o ponto de crítica dos republicanos, a academia francesa, especialmente em Paris, era composta por professores vindos de famílias de elite, um número bastante superior em comparação com a Alemanha. Homens de letras, médicos, professores de ensino secundário poderiam lecionar em instituições como

¹⁸ RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992. p. 210-211.

¹⁹ RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992. p. 217.

o *Collège de France* sem uma carreira acadêmica anterior. Esse foi o caso de Gabriel Tarde, como veremos no próximo capítulo.

Voltando a Durkheim, sua carreira teve dificuldades. Foi professor de filosofia em liceus e professor de ciência social e pedagogia em Bordeaux, durante o período em que escreveu *Da divisão do trabalho social*. Nessa época, sua área de “ciência da educação” era uma subdivisão dentro da filosofia e não havia muitas vagas disponíveis a professores dentro das universidades para lecioná-la. Uma vaga desejada por Durkheim no *Collège de France* havia sido tomada por um certo Gabriel Tarde. Já em Bordeaux, lecionou sociologia, não mais como uma ciência auxiliar da filosofia, mas distinta e em busca de legitimidade e metodologia.

Durkheim, envolvendo o discurso político em suas pretensões dentro da hierarquia universitária, defendia que o interesse de suma importância da sociedade deveria ser o mesmo interesse do indivíduo, não em sua subjetividade, mas nas suas características em comum com o grupo. Buscava uma educação primária secular e moral, ajustada às necessidades da sociedade, como forma de socialização dos mais jovens para continuar a obra dos mais antigos, reproduzindo o espaço em que foram criadas. A totalidade estaria sujeita à autoridade completa do meio social, focando a educação em disciplina, normas, tradição, responsabilidade coletiva e senso de dever. Tantas diretrizes tornariam o comportamento do indivíduo – e por extensão, do todo – bastante previsível, mas adaptável, com harmonia e equilíbrio. Durkheim sabia das semelhanças de sua proposta pedagógica com políticas tiranas e autoritárias²⁰. Para a escola secundária, o ideal seria abandonar modelos confessionais ou vocacionais, contando com saberes diversos e distintos para preparar o estudante para a universidade²¹, focando na racionalização e nas instituições humanas como objetos de rigorosa investigação científica²². Segundo Eduardo Viana Vargas, toda sua teoria estava permeada de mecanicismos

²⁰ RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992. p. 286.

²¹ RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992. p. 293.

²² DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 324

macrossociológicos²³ focados em paralelos em contraponto como o homem e a natureza, o mundo físico e o mundo mental²⁴.

A institucionalização e consolidação da sociologia de Durkheim foram graduais na academia francesa. Houve um longo período de convívio entre o autor e intelectuais de diversas áreas, buscando debater e defender suas teorias e metodologias de nova ciência e a separação das outras ciências sociais. O surgimento da revista *L'Année Sociologique* em 1898 foi de grande importância para atrair a atenção de pessoas interessadas em defender a consolidação de uma ciência social autônoma, mobilização que contribuiu aumentando sua fama e voz dentro de instituições acadêmicas. As publicações dos durkheimianos em diversas revistas, incluindo aquelas que não haviam sido fundadas por eles, buscavam reafirmar sua relevância.

Em seguida, veremos como a relação ambígua de Gabriel Tarde, ora colaborando, ora discordando dos durkheimianos, reage a esse contexto de mudanças através de um escrito que, em nosso entendimento, incorpora características da literatura utópica.

²³ VARGAS, Eduardo Viana. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Vol. 3. Contra Capa, 2000. p. 191.

²⁴ DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 299.

4 QUEM FOI TARDE?

Jean-Gabriel de Tarde nasceu em Sarlat, província de Dordogne, em 10 de março de 1843. Seu pai foi juiz e faleceu ainda durante a infância de Tarde, que foi criado unicamente pela mãe, Anne-Aline Roux, com quem manteve relação próxima por toda a vida. Em Sarlat, concluiu o segundo grau em Humanidades no *Collège des Jésuites* – em regime de internato, cujos regulamentos e restrições não agradavam Tarde –, seguindo para o estudo universitário em Direito em Toulouse, concluiu o último ano de curso em Paris, seguindo assim a carreira de seus antepassados de família. Uma grave oftalmia, que quase o deixou cego, foi de grande importância para a escolha de se tornar um magistrado, pois sua moléstia não permitia estudo ou leitura de matemática, sua preferência. Aqui se destaca o auxílio de sua mãe, cujos olhos e voz permitiam a Tarde ter acesso aos livros. Casou-se em 1877 com Marthe Bardy-Delisle, filha de um magistrado tal como Tarde e seu pai, e teve três filhos: Paul de Tarde, Alfred de Tarde e Guillaume de Tarde. Alfred de Tarde, em especial, teve importância na defesa das ideias do pai após sua morte. Em 1910, publicou artigos críticos a mudanças adotadas na faculdades de letras e *New Sorbonne* – onde Durkheim lecionava, um dos alvos de suas críticas – sob o nome *Agathon* em parceria com Henri Massis²⁵. Em 1894, tornou-se diretor do setor de estatística do Ministério da Justiça. Sua carreira no ensino começou tardiamente – com o perdão do termo aqui – na sua vida, em 1896. Foi presidente da *Société de Sociologie* de Paris e professor-titular do *Collège de France*²⁶. Faleceu em Paris, no dia doze de maio de 1904.

Observar a biografia peculiar de Tarde é interessante para se criar um paralelo com sua carreira intelectual. Seu tempo de vida bucólica e solitária em Sarlat, o hiato entre a formação acadêmica e o início de suas atividades no ensino, aos 53 anos, eventuais participações em congressos nos revelam um caráter autodidata e criativo em Tarde. Seu trabalho como magistrado lhe forneceu material e leitura para seus primeiros escritos filosóficos a partir de 1867. Seus ensaios, traduções, artigos, textos e livros passaram a ser publicados em 1880, mostrando

²⁵ RINGER, Fritz K. *Fields of knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. University of Toronto Press, Back In Print, 1992. p. 237-238.

²⁶ VARGAS, Eduardo Viana. *Multiplicando os agentes do mundo: Gabriel Tarde e a sociologia infinitesimal in Revista brasileira de ciências sociais* 19.55, 2004: 172-176.

originalidade de pensamento e consistência, ganhando reconhecimento público inclusive fora da França. Entre suas obras estão *La Criminalité Comparée* (1886), *Le Lois de l'imitation* (1890), *La Logique Sociale* (1895), *L'Opposition Universelle* (1897), *Les Lois Sociales* (1898), *La Philosophie Pénale* (1890), *Les Transformations du Droit* (1891), *Monadologie et Sociologie*²⁷ (1893) e *Fragment d'histoire future* (1896). Sua reputação era digna de nota quanto à pluralidade de enfoques em suas obras, com tom original advindo de anos de vida provinciana, distante de grupos intelectuais de cidades maiores. Já nos seus interesses de estudos estavam filosofia, sociologia, psicologia, poesia e teatro. Assinava suas obras sem a partícula *de* em seu nome, denotando sua origem familiar de elite, retomada posteriormente por seus filhos.

Seu talento social era notável. Já em Paris, com a esposa, Marthe Bardy-Delisle, Tarde participava ativamente de salões e cafés, e era considerado espirituoso e de humor vivaz, que lhe rendeu convites para escrever textos para *vaudeville*²⁸. Essa habilidade se encontra em uma de suas obras literárias de ficção²⁹, *Fragment d'histoire future* (1896) ou *Fragmento de história futura*. Após escrever sobre criminologia, ocorreu sua produção escrita acerca de sociologia, que recebeu atenção mesmo fora dos círculos próximos a universidades por serem ideias coerentes vindas de alguém sem formação acadêmica na área. Foi encorajado a concorrer à vaga de professor no *Collège de France*, instituição que não exigia o *doctorat d'État*. Em 1900 lhe foi oferecida a cátedra de *philosophie moderne* que, apesar do nome, seria dedicada também à sociologia psicologia, devido aos temas de estudos serem desenvolvidos juntos nessa época na França.

Não há como falar de Tarde sem mencionar sua relação com Émile Durkheim. A partir das obras *As leis da imitação* e *Monadologia e Sociologia* é que podemos visualizar o cerne da hipótese sociológica de Tarde que, mais tarde entra em choque com as ideias de Durkheim. Em vez de propor uma separação da sociologia e filosofia, Tarde propõe uma interpretação múltipla, o que, dentro da metodologia científica que estava se desenhando no momento, se mostra confusa.

²⁷ Recentemente traduzido para português por Paulo Neves e organizado por Eduardo Viana Vargas, *Monadologia e Sociologia* foi lançado pela Editora Cosac Naify em 2007.

²⁸ Gênero de teatro de variedades, com números nem sempre relacionados um ao outro. Na França contava com breves apresentações dramáticas e poéticas.

²⁹ VARGAS, Eduardo Viana. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Vol. 3. Contra Capa, 2000. p. 170.

Usando a ideia das mônadas de Leibniz³⁰, é proposto que a diferença é o fundamento da existência, negando dualismos e extremos. O indivíduo social de Tarde era composto por infinitesimais diferenças e a integração possível entre elas, múltiplo e ao mesmo tempo homogêneo, num amplo fluxo de agenciamentos. Essa conjectura ia contra Durkheim, cuja ideia de especialização tratava a sociologia como autônoma e independente de outras áreas sociais, como a antropologia, psicologia e filosofia, que Tarde relacionava na sua hipótese cosmoantropológica das mônadas.³¹ Enquanto Durkheim propunha uma pedagogia baseada em regras sociais e disciplina, visando à previsibilidade comportamental, a microsociologia de Tarde criticava esse mecanismo como incompatível com a subjetividade humana. Os durkheimianos, em resposta, diziam se tratar de psicologia ou interpsicologia, e não sociologia³².

Apesar de ser muito popular em vida como a figura vivaz dos cafés e nome de preferência em ocupar cargos importantes em meios acadêmicos – como ser indicado no lugar de Durkheim para *Collège de France*³³ –, Tarde ganhou alguma notoriedade no fim de sua vida e, desgraçadamente, após sua morte, como um nome contrário à especialização extrema da sociologia e polêmica envolvendo os nomes de Cesare Lombroso – criticando sua teoria racial – e principalmente Émile Durkheim. Apesar da fama em meios intelectuais fora da França em vida, após a morte, Tarde foi bem mais contemplado com ostracismo – ou no máximo como um “precursor”³⁴ –, sem deixar discípulos, com uma teoria sociológica ignorada e considerada antiquada, o que é um sinal da criação de uma visão da história da sociologia única, uma sucessão de teorias que se complementam sem heterogeneidades. Por décadas a teoria considerada “vencedora” do debate, e a mais lembrada, foi a de Durkheim, apontado como um dos maiores nomes da sociologia junto com Max Weber e Karl Marx. Esta visão histórica coloca os nomes

³⁰ Conceito adotado por Gottfried Leibniz de uma partícula elementar, diferenciadas umas das outras e passíveis de sofrer diferenciação por meio de influência ou força externa.

³¹ VARGAS, Eduardo Viana. Multiplicando os agentes do mundo: Gabriel Tarde e a sociologia infinitesimal in *Revista brasileira de ciências sociais* 19.55, 2004: 172-176.

³² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p. 107.

³³ CONSOLIM, Márcia Cristina. *O “campo das ciências sociais” na França em fins do Século XIX: Instituições não Universitárias*. Universidade de São Paulo, 2011.

³⁴ LATOUR, Bruno. *Gabriel Tarde and the End of the Social*. In: *The Social in Question. New Bearings in History and the Social Sciences*, Routledge, London, 2002: 117-132.

de forma mítica, associando a construções de pensamentos ocorrendo sem desvios. O apagamento da obra de Tarde ou a lembrança dele unicamente como o opositor de Durkheim é uma forma de desqualificar o pensamento diferente do considerado o padrão, o correto, ou, como seria adequado colocar no caso da disputa entre eles, o acadêmico e científico. Suas diferenças metodológicas estão intrinsecamente relacionadas ao modo de vida dos autores, local onde nasceram, suas influências religiosas, círculos intelectuais que tomavam parte ou que criticavam, ambições acadêmicas e mudanças políticas ocorrendo na França na época.

Deve-se esclarecer que a ideia não é tomar partido, pois seria uma repetição da criação de história de conflitos entre extremos sem nuances, mas colocar na discussão a problemática da objetividade científica que permeia a “vitória” do discurso de Durkheim. No século XIX, ocorreram diversos debates e intrigas envolvendo correntes diferentes com a emergência das ciências sociais, e, ao escolher deixar de lado um nome tão relevante no embate de ideias, se escolhe silenciá-lo e sobrepor outra proposta. Ler *Tarde tão tarde* – mais uma vez, perdão pela repetição – nos permite notar conceitos que não estão presos tão firmemente ao seu contexto histórico, mas que podem enriquecer teorias posteriores. Tomar lados seria simplificar a obra dos autores ao enfoque psicológico de Tarde como individualismo e Durkheim como elitista no academicismo, o que desproporciona a discussão entre os dois que apresentavam vários pontos de concordância.

A história das ciências sociais não é linear ou sem conflitos de ideias, como já foi discutido no capítulo anterior. Essa forma clássica de se fazer história, com gênese inaugural, acumulação de conhecimento com plena soberania de racionalidade – advento da verdade – que acontecia no século XIX se assemelha a uma característica da literatura utópica. Esse local privilegiado também tem seu mítico criador: Durkheim, o responsável pelo ingresso da sociologia nas universidades, uma figura mítica e majoritária de interpretação. A continuação dominante de seu pensamento também é um paralelo utópico, pois toda disputa intelectual é apresentada sempre dentro das demarcações durkheimianas, considerada a *doxa*, o consenso³⁵. O sucesso de Durkheim tem a ver com as regras metodológicas simples e consistentes que aplicava como pesquisador social, enquanto Tarde falhava em formalização. A institucionalização tem a ver com essa

³⁵ VARGAS, Eduardo Viana. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Vol. 3. Contra Capa, 2000. p. 46.

visão da retórica da cientificidade da comunidade dominante, pois garante sua continuidade.

Falamos aqui de um contexto em que a relação de poder se dava através de opostos e dicotomias, como selvagem e civilizado, arcaico e moderno, indivíduo e sociedade, que Durkheim e seus seguidores eram bastantes críticos. Esse racionalismo extremo na moral presente em discursos acusatórios, visando atacar a ideia de outrem, nos mostra que, além do campo social ser um local de estudo pleno de heterogeneidade, se buscava a construção de um discurso da “verdade”. Mais uma vez, uma característica utópica, uma verdade única, que salva, racional, ou seja, tudo que foge a ela é errado e deve ser combatido. A cientificidade de Durkheim, focada em racionalismo, metodologia rígida, objetividade, especialização e tematização intensas, se afastava da base teórica eclética de Tarde na psicologia, filosofia e literatura. Considerar as diferenças como extremos em dicotomias as desqualifica e empobrece, tanto na literatura quanto no contexto dos autores que vemos aqui.

Retomando a ação intelectual particular, Gabriel Tarde participou de diversas organizações e revistas como a *École des Hautes Études Sociales*, que se aproximavam de pesquisas e debates com figuras vindas de dentro de universidades ou não. Esses grupos, porém, para ganhar alguma notoriedade, precisavam se adequar as exigências de ensino, caso contrário eram consideradas não profissionais e de discussões desinteressadas. Por exemplo, a *École* não era profissionalizante como o *Collège de France*, mas tinha um projeto mais “popular”³⁶. Tais locais não exclusivistas não contava com a presença de seguidores de Durkheim (apesar da *École* ter conferências organizadas por ele em 1903 e 1904), que criam seus próprios grupos parauniversitários, o que pode ter ajudado a alimentar a discórdia entre as ideias dos dois autores. O agenciamento político era tão importante quanto o intelectual para a validação de discurso.

Essa ligação tão intensa entre os dois foi a responsável pela redescoberta de Tarde na década de 1960, época em que a crítica às hipóteses durkheimianas adquiriram maior força. Dentre estudiosos que retomaram Tarde estão Gilles Deleuze e Félix Guattari³⁷, atualizando o pensamento tardiano na atualidade com a

³⁶CONSOLIM, Márcia Cristina. O “campo das ciências sociais” na França em fins do Século XIX: Instituições não Universitárias. Universidade de São Paulo, 2011.

³⁷ Ibidem. p. 24.

antropologia. Tarde teve suas obras publicadas novamente após décadas de silêncio, mostrando mais uma vez sua sociologia de detalhes e de relações entre as pessoas como contraposição a microssociologia heterogênea e hegemônica até então de Durkheim.

Apesar de existir uma extensa troca de indelicadezas sarcásticas entre os dois intelectuais por meio de artigos – pelo lado de Durkheim, no entanto, há consciência da importância de Tarde, mas também críticas à validade e à precisão de sua metodologia³⁸ -, esse trabalho se foca na forma de crítica que creio ter sido a mais debochada vinda de Tarde: a linguagem literária, aquela considerada pouco científica e irracional por Durkheim. Através de *Fragmento de História Futura*, o autor fez paralelos com objetos reais de sua oposição. Veremos um breve resumo da obra seguido de análise.

4.1 RESUMO DE FRAGMENTO DE HISTÓRIA FUTURA

O conto *Fragmento de História Futura* possui sete capítulos e relata a sobrevivência da espécie humana após um evento solar catastrófico que provocou uma era do gelo. A sociedade anterior ao evento era utópica e as novas condições naturais forçaram as pessoas a viver no subsolo, numa comunidade artística neo-helênica, adaptando suas características utópicas as restrições da nova vida, utilizando todo o aparato tecnológico possível.

4.1.1 Capítulo 1: Prosperidade

O mundo em quase sua totalidade vive uma era de paz, sem fome, doenças (apenas a miopia, devido ao excesso de leitura dos intelectuais), pobreza ou feiura. Guerras eram apenas lembranças poéticas de um passado que não se repetiria graças a mudanças sociais decorrentes do grande aperfeiçoamento científico e industrial, e da utilização da natureza como serva da humanidade. O latim foi proposto como idioma universal, sendo substituído plenamente pelo grego no século XX. Qualquer obra artística produzida em outra língua era depreciada e debochada, vista como menor ou degenerada. Atingida a utopia social, o desejo humano se volta

³⁸ DURKHEIM, Émile. *La Sociologie*. In: *La Science française*, Larousse et Ministère de l'Instruction publique et des Beaux-Arts, vol. 1. Paris, 1915. p. 5-14.

a dominar a política, que também deveria estar submetida ao intelecto. A ciência passa a ser vulgarizada em disputas de poder entre matemáticos e artistas.

4.1.2 Capítulo 2: A Catástrofe

O sol enfraquece e apresenta manchas. Em consequência dessa atividade anormal, o planeta Terra esfria. Houve contestação por cientistas de que tal fenômeno não poderia acontecer com base em estudos anteriores, apesar de concomitantemente ocorrerem mudanças climáticas nas regiões de maior latitude. Sua ciência não conseguia explicar o que estava acontecendo, o que provocou atraso na reação popular, pois o fenômeno era gradual e não súbito. No ano de 2489, a era do gelo já está consolidada, com oceanos congelados, migrações populacionais gigantescas aos trópicos, milhões de mortes por frio e fome. O gelo torna os meios de comunicação impossíveis de funcionar. Sensacionalismo e boatos maledicentes tomam lugar da ciência e razão para explicar as mudanças ambientais. O sol retorna vermelho, passando para azul claro até o violeta. O terror, morte e caos dominam a sociedade que restou viva. Alguns milhares de pessoas sobrevivem numa região chamada de Arábia Pétria, onde foi reconstruída Babilônia por entusiastas da cultura assíria. Ao acaso, também foram encontradas lá minas de carvão mineral. Por alguns anos, foi possível a sobrevivência com essa fonte de calor e armazenamento de algumas sacas de trigo.

4.1.3 Capítulo 3: A Luta

Um viajante chamado Milcíades chega à Babilônia e, em meio ao seu espanto e admiração com os salões que conseguiram ser construídos lá, compartilha seu plano minucioso de vida futura e completa no subterrâneo. A fonte de energia atual permanece sendo o sol, mas já se sabe que terá seu fim em pouco mais de dois anos. Para as eras seguintes, é proposto usar o calor de dentro do planeta como fonte de luz, para derreter o gelo a fim de conseguir água, usar ciência e tecnologia para produzir alimentos a partir de minerais e consumir animais congelados. Também é necessário salvar toda a arte remanescente da superfície. O plano é imediato e todas as pessoas devem participar.

4.1.4 Capítulo 4: A Salvação

Os últimos raios de sol provocam lágrimas seguidas de alegria intensa, pois a vida subterrânea tornaria o homem, finalmente, independente da natureza e seus caprichos. As novas cidades, criadas à medida que se descobriam grotas, eram tão lindas que a vida anterior, sobre a terra, era considerada miserável e, felizmente, parte de um passado que não voltaria a se repetir. Minérios eram encontrados e extraídos para manter a vida dos habitantes, o que gerou aumento populacional. Ao mesmo tempo, ocorriam mortes em deslizamentos durante as novas construções em grotas recém-encontradas. Havia disputas políticas entre cidades de operários e de artistas, esses últimos vencendo. A miopia, última doença, foi vencida pela falta de papel para a leitura, que era feita a partir de monumentos.

4.1.5 Capítulo 5: A Regeneração

O narrador nos conta que está no ano 596 da Era da Salvação (após o apagamento do sol) e se comemora a purificação social conseguida graças à eliminação total da natureza viva (exceto o homem), pois tudo que é natural é um obstáculo ao progresso científico. As pessoas usam roupas de metal que não se estragam e vivem em frenesi com a beleza que conseguiram criar a sua volta. Camponeses e operários são chamados de modo condescendente de fósseis, considerados incultos e sem vida social, vivendo em desacordos. A revolução social permitiu mobiliário coletivo, o que tornou tribunais e advogados obsoletos, pois não havia mais propriedade privada. Diversas profissões tornaram-se antiquadas pela falta de consumo e comércio, ou seja, o tempo que se dispndia no trabalho deu lugar aos talentos, aprendizado e arte. Inclusive foi apontado o erro dos socialistas, que desconsideravam a importância da vida estética no âmbito social. Havia cidades de pintores, poetas, químicos, geômetras, porém não mais havia as de filósofos, pois suas cidades foram arruinadas pela presença de sociólogos entre eles, considerados absolutamente antissociais. Figuras de autoridade política eram escolhidas pelo seu gênio superior.

4.1.6 Capítulo 6: O Amor

O amor é considerado o ponto mais significativo e importante na vida subterrânea, pois foi redescoberto após o declínio e antes da Era da Salvação. O

amor à pátria não existe devido à inexistência de pátrias, mas o amor às vocações e suas cidades. O amor da família é transformado pela escola, pois antes os pais eram como amigos obrigatórios. Amor natural, somente na visão da imagem das mulheres. Dentre as muitíssimas regulamentações, uma delas é quanto ao sexo por motivo de superpopulação – 50 milhões – e com procriação restrita a indivíduos considerados gênios. Tal regulamentação provocou muito suicídios de casais seguindo em direção a vulcões para morrer congelados na superfície da Terra. A importância final do amor é inspirar a arte.

No ano de 194 houve o encontro de um povo, provavelmente chinês, com a mesma ideia de sobreviver no subterrâneo, durante uma escavação. Essas pessoas, porém, eram consideradas degeneradas por plantarem e andarem junto a animais – dependerem a natureza - e serem canibais - incivilizados. Foi considerado o cenário de matar a todos, escravizá-los, educá-los, mas, por fim, foram apenas separados por uma divisória e ignorados a partir de então.

4.1.7 Capítulo 7: A Vida Estética

Ciências como zoologia, botânica e astronomia foram substituídas por paleontologia, com todos seus ensinamentos esquecidos, inúteis e nocivos. A autoridade dos livros remanescentes confere material teórico, mas é visto como religião: antiga, imutável, sagrada. Qualquer ciência natural é considerada antissocial e não deve ser incentivada. A matemática cresce, e química e psicologia são fundidas. O dogma da sociedade é a devoção à beleza e fé no amor. O homem resumido a si mesmo é o resultado de anos da humanidade prosseguindo até o centro da Terra, diminuindo a população e cada vez mais nobre e feliz.

Existem críticos à sociedade forçada e fixa, pessoas que querem subir de volta a superfície, contidas por um sábio que exhibe fitas fonográficas e cinematográficas da vida na época em que o sol era amarelo e estável. A decepção provoca uma rebelião, pois a arte subterrânea não representava tal realidade e a lembrança, o sentimento provocado pela memória, era mais apreciado do que o som gravado ou a imagem antiga. As pessoas passam a não economizar mais comida, a população cresce, mas as obras de arte não crescem proporcionalmente, diminuindo a felicidade. Há um apelo final ao retomar Milcíades, de se interiorizar ainda mais para buscar a felicidade escondida ainda mais fundo na Terra.

5 FRAGMENTO SOBRE FRAGMENTAÇÃO

O conto *Fragmento de História Futura* pode ser interpretado pelo viés da literatura utópica através de sua ironia e de detalhes na construção de mundo que se encontra em outras obras assim classificadas. Nesse capítulo, serão retomados pontos elencados anteriormente no trabalho em 2.2. para mostrar como o *Fragmento* dialoga com utopias, com a discussão pedagógica da época e com a própria vida e opiniões de seu autor.

Conforme disse H. G. Wells, no prefácio da edição inglesa do *Fragmento*, rebatizada *Underground Man*³⁹, a vivacidade intelectual com que foi escrito não poderia ter vindo de alguém senão um francês, um tipo livre para zombar publicamente. Porém, também pontua que essa mesma pessoa não se prende a amarras acadêmicas, algo que seria inadmissível na Inglaterra de Wells. Nos é lembrado que, dentro da literatura, Tarde escreve de modo elusivo, ora concordando com suas propostas de forma exagerada, ora zombando de uma simplificação grandiosa de uma ideia complexa, o que deixa o leitor desconfiado, mas interessado em desvendar o que há por trás da escrita bem humorada.

Seu exercício de absurdo inicia com o estabelecimento da dicotomia em seu mundo do progresso tecnicista extremo como resultado da essência do intelecto humano. O caráter humano aqui é visto como parte do mundo natural, mas dominado pela inteligência e pelo social, portanto, a única porção da natureza que se tem interesse. Tudo que seja animal ou vegetal, entenda-se incontrolável e plural, é considerado negativo nessa equação. O século XX do início do conto é uma época de paz porque a natureza passa a ser serva do homem. A única forma de vida possível nesse contexto é aquela que tem uma função específica para a humanidade e que possa ser controlada. A negatização do natural é relacionado ao um suposto cartesianismo da proposta pedagógica de Durkheim. Há a *uniformização social* ocorrendo também, por meio do uso de um só idioma, o grego, precedido pelo latim – dois idiomas que Durkheim defendia o ensino desde cedo na vida das crianças. Há, no início do conto, um breve comentário sobre a miopia ser a única doença que ainda existe na humanidade, causada por excesso de leitura, o que pode ser uma referência à moléstia óptica da qual Tarde sofria.

³⁹ Publicada em 1905, ano seguinte à morte de Gabriel Tarde.

A inteligência humana, porém, é incapaz de impedir transformações naturais, mas é possível se adaptar a elas, como aconteceu com o “feliz desastre”, uma série de mudanças no sol que durou até o século XXV. A utopia social estava desqualificada para enfrentar o colapso que se seguiu com o frio extremo, fome e morte. Como o responsável pela tragédia estava no céu – o sol – a solução encontrada foi o isolamento dentro da terra, único lugar para onde se poderia fugir. Mais uma vez, a desconfiança com o natural fez com que a humanidade se interiorizasse sozinha, sem animais ou plantas, contando unicamente com a ciência e tecnologia para transformar pedras e fósseis em alimento e combustível. O desastre recebeu a alcunha de feliz, pois, finalmente, não haveria outra possibilidade de vida a não ser a proposta da humanização e tecnicização completa, finalmente um mundo dominado pelo homem e sob sua responsabilidade. Mais uma vez, se pode fazer comparação com o caráter utilitarista do ensino de ciências humanas no tradicional ensino humanista existente na França – o qual era, curiosamente, combatido por Durkheim⁴⁰. A imposição de necessidade provocou a transformação⁴¹ social na humanidade subterrânea.

A humanidade permanece fazendo parte da Terra, vivendo em seu interior, mas completamente artificializada. A experiência do natural, com o passar dos séculos, ganha ares de mito, pois não poderá ser vista nunca mais, como canto de pássaros ou estrelas na noite. As cavernas estereis do *Fragmento* dão lugar a uma nova utopia de grandes alegrias ligadas a apreciação da arte como forma de suprir necessidades de um local com recursos limitados.

Falemos agora das grotas, “bolhas” dentro da terra que formavam cidades dominadas politicamente por artistas e cientistas diversos. A ideia das grotas isoladas de acordo com a vocação retoma a ideia durkheimiana de especialização autônoma, com agrupamentos humanos baseados nos mesmos interesses. A única interação entre as outras cidades – grotas, bolhas ou vocações, o termo pode variar de acordo com a interpretação – ocorria apenas na troca de serviços. Ocorre aqui uma autocrítica – e a Durkheim também – de que a cidade dos sociólogos era a mais insociável, a ponto de ter acabado com a cidade dos filósofos. Poderia ser um comentário de desaprovação de uma ciência social substituir outra? Dentro das características utópicas, as grotas são o elemento mais fácil de identificar, pois

⁴⁰ DURKHEIM, Émile. *Evolução Pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médias, 1995. p. 286-325.

⁴¹ DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 307.

representam o *caráter isolacionista*. A população se esconde para se proteger de uma catástrofe natural dentro da terra, e suas subdivisões em cidades funcionam como defesa das ideias e subjetividades de cada especialização que a domina. Psicologicamente, Tarde pode ter querido dizer que o homem extremamente especializado é tão fechado quanto um indivíduo que rejeita tomar parte da sociedade em que vive, mais uma vez, numa sátira à Durkheim.

As cidades com camponeses e operários eram vistas com desdém, provavelmente provocado por vínculos remanescentes que estes ainda mantinham com a natureza. Eram criaturas mais trogloditas que os neotrogloditas, pois não produziam nada belo ou que alimentasse a mente. Na verdade, serviam unicamente para o trabalho pesado na descoberta de novas grotas. Essas duas cidades são vistas como rebeldes pelas outras, administradas por artistas e cientistas. Por ter ainda laços com a natureza, lhes faltam laços com a razão, portanto elas devem ser submissas às outras cidades nem que seja pelo uso do escárnio para conter uma possível influência. Aí vemos o *intervencionismo do estado* presente nas utopias e também o *coletivismo*, quando é citado que não existe propriedade privada nas grotas, o que tornou certas profissões antiquadas.

Numa sociedade tão estéril e artificializada, é estranho ver o capítulo 6 do conto conceder tanta importância a um sentimento tão natural e incontrollável como o amor. Devemos considerar que esse amor, na literatura utópica, tem uma função, ele é direcionado para que se mantenha a sociedade funcionando de modo mecânico. Para fins de comparação, insiro aqui um exemplo mais recente e bastante conhecido: *Admirável mundo novo*⁴² (1932) de Aldous Huxley. Tem-se a impressão inicial de que existe liberdade sexual, mas as relações são tão higienizadas que seu erotismo acaba negado. A função dessa aparente liberdade é social, é para se evitar tensões e inquietações contra o sistema⁴³. Onde haveria inicialmente a noção de sentimento, há na verdade desnaturalização dele. O mesmo ocorre no *Fragmento* com o amor, que tem alvos específicos e deve ser regulado, pois em “excesso” levaria ao aumento de população, que poderia ser uma nova tragédia num local de recursos limitados. Os casais incontrolláveis, individualistas, não tem lugar nessa

⁴² Dentro da sociedade de *Admirável mundo novo* existem pessoas que creem estar vivendo uma utopia, porém, nós leitores conhecemos a história pelos olhos de Bernard, um cidadão insatisfeito que sai dessa sociedade para observá-la de fora.

⁴³ LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. São Paulo: ARX, 2004. p. 113.

sociedade, restando a eles buscar a superfície em busca da liberdade na morte. Aqueles que ousam ter um pensamento diferente da coletividade são considerados insanos, irracionais e ilegais – a resistência ao *funcionamento perfeito e de acordo com as leis* da utopia – pois preferem dar lugar ao amor sentimento em vez do amor as artes que o engenho humano produziu. Assim como o amor, incontrolável, quase coloca em risco a sociedade no *Fragmento*, esse tipo de subjetividade seria a causa de comportamento difícil de moldar e imprevisível, sendo, portanto, uma ameaça para o coletivismo e leis tradicionais.

Ao final desse capítulo que fala sobre o amor é dado um exemplo do mal que pode causar o amor sem limite, com o relato do encontro com um grupo desconhecido de neotrogloditas chineses. O *Fragmento* é um recorte de uma sociedade ocidental que desconsidera a existência do outro, e podemos ver na surpresa desse encontro como a utopia proposta por Milcíades se considerava superior a qualquer outra. Os chineses se abrigaram na terra de modo sem planejamento, sem salvar obras de arte, mas em vez disso, levaram consigo animais e plantas. Seres degenerados e de intelecto atrofiado, pois ainda dependiam de pequenas hortas e criação de porcos para alimentação. Este ser diferente da coletividade deve ser modificado ou afastado, porém aqui não se trata de um viajante solitário como vemos nos relatos de viagem, mas de outra civilização com uma população maior. As propostas de extermínio, escravização e educação forçada na tentativa de “salvá-los” foram todas rejeitadas ou se mostraram impossíveis de serem realizadas. O acordo aceitável nessa conjectura foi o de fechar os olhos e ignorar a existência da diferença, não ver até acreditar que ela não exista. Aqui vemos brevemente a menção de *poder da educação vinda do estado* como forma de forçar a civilização diferente a se conformar, muito semelhante à interpretação de Tarde quanto ao que Durkheim propõe na sua educação, focada em disciplina, regras e tradição com o interesse de atender as necessidades da sociedade.

Ainda falando sobre a educação, a renúncia da influência do natural leva a aberrações intelectuais como a substituição de conhecimentos. Não havia mais motivo para se estudar astronomia quando não havia mais céu para se observar, ou botânica e zoologia quando todo o resto de vida que se tinha estava limitada ao homem. Ciências naturais eram antissociais porque não auxiliavam no crescimento cultural da humanidade. A única ainda tolerada era a paleontologia, pois era a partir

dela que se tinha acesso a alimentos através de animais congelados e fósseis. Há uma obsessão metodológica em suprimir tudo que não seja considerado científico que acaba apontando, satiricamente, a irracionalidade de um mundo que só funciona com o controle extremo. Em Durkheim, os conhecimentos ensinados que tivessem um viés mais voltado à abstração eram considerados sem consistência⁴⁴, representadas no *Fragmento* de modo exagerado com a total proibição.

Sempre que a educação é citada no *Fragmento*, podemos fazer um paralelo com a proposta de educação de Durkheim, que, para Tarde, se aproximava a uma socialização metódica para se alcançar uma homogeneidade por meio de convenções e costumes. É a coação do meio social exterior agindo sobre a espontaneidade e o “natural”⁴⁵. Em nenhum momento no conto a sociedade é pensada através do indivíduo, mas pelos grupos, evidenciando que a hipótese sociológica de Tarde não estava aplicada na humanidade subterrânea.

A utopia existe num equilíbrio muito frágil, e, ao final do conto, esse mundo tedioso e estéril, mas cheio de beleza, não é mais suficiente para um grupo de pessoas que ameaça ir à superfície, emulando a insociabilidade dos casais suicidas. A beleza artificial não se compara com a natural e isso provoca inquietação social, que, num ambiente tão restrito, leva ao caos em poucos anos. A única forma de retomar a utopia, depois de tais condições, seria se entranhar cada vez mais fundo na Terra, até seu centro, até restar apenas um pequeno número de pessoas sensatas e isoladas. Tarde encerra o conto da forma mais apocalíptica que poderia para criticar o futuro acadêmico da especialização da sociologia de Durkheim: um local cada vez mais isolado e cercado de balbúrdia, tão ensimesmado que prefere se distanciar para manter seu projeto científico contando com pouquíssimos especialistas. Esse final revela mais sobre a nostalgia e deboche dos membros da educação conservadora na França, perdendo espaço para as ideias trazidas pelos republicanos, do que um caráter profético.

⁴⁴ DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 297.

⁴⁵ DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 89.

6 CONCLUSÃO

Embora a utopia envolvendo a questão pedagógica seja um ponto importante de discussão, não há como analisá-lo isoladamente – talvez Émile Durkheim soubesse como fazê-lo. Nos deparamos o tempo todo com interpretações ambíguas múltiplas, incluindo seu caráter utópico ou antiutópico, pontos em que Gabriel Tarde concorda ou não com a proposta que escreve, limiares em que começa a crítica ou falácias com a intenção de diminuir Durkheim. Acontece, no conto, a utopia política, possível dentro dos termos defendidos pelo autor, e outra pedagógica, fadada ao fracasso, inspirada na leitura enviesada de Tarde sobre as ideias de Durkheim. Apesar de se mostrar num futuro, os problemas sociais permaneceriam os mesmos caso fosse ignorado o fator de subjetividades e diferenças pessoais tão caros a Tarde em sua monadologia e pensamento infinitesimal.

Considerando o projeto utópico a forma objetiva de uma proposta dentro das possibilidades reais, o *Fragmento* é o simulacro ideal que Tarde criou para o isolacionismo intelectual e livre de subjetividade de Durkheim, porém, tão exagerado em seu idealismo que se torna artificial e inviável. Assim, como nas obras utópicas anteriores a Tarde, a intenção é boa, mas a execução não é possível por contar com um excesso de racionalidade, sem levar em conta as diferenças intrínsecas do imaginário humano. É necessário atentar que, essa visão de Tarde vinha carregada de exagero e interpretações acusatórias quanto a Durkheim, muitas vezes desconexas da realidade, pois as mudanças pedagógicas que surgiam na Terceira República ameaçavam a posição de pessoas como o autor.

Como a literatura se permite gracejar das próprias crenças do autor e criticar seu presente, ela se livra de impressões de inadequação, destoando da pretensa obrigação intelectual de oferecer respostas, pois em vez disso, gera mais dúvidas. Em quais pontos o autor está criticando a si mesmo ou aos outros? Passamos tantas décadas afastados dos trabalhos de Tarde que é difícil perceber, para o público atual, uma ironia que pode ser tão furtiva em alguns momentos. Essa utopia crítica ao presente também apresenta ar melancólico pela antiga educação aristocrática que vinha sendo substituída. Tarde estava defendendo seu ponto a todo custo, incluindo com o uso de zombaria ao colega e nostalgia do passado.

O imaginário utópico tem seus limites quando apresentada a certo público. Tanto hoje quanto em 1896, quando o *Fragmento* foi publicado, seu exagero em alguns pontos provoca a dúvida nos leitores se o autor está zombando de nós também, como uma lembrança da época que escrevia para *vaudeville*. Durkheim não consideraria o *Fragmento* uma resposta de Tarde adequada, pois, na interpretação de Tarde de suas ideias, a literatura estava aquém das ciências sociais. Não é um artigo, não foi publicado em nenhuma revista, nem mesmo numa revista rival dos durkheimianos, portanto, teria importância menor no ponto de vista científico. Tarde, provavelmente, também não estava preocupado com isso, considerando o escárnio com que menciona as propostas de Durkheim.

A dificuldade em se classificar a utopia também perpassa a literatura satírica de Gabriel Tarde: ela é ambígua, oferece um horizonte amplo de interpretações, provoca risos e esse mesmo riso causa desconforto, seja pelo autor ser muito nostálgico ou pelo menosprezo que parece ter em relação à Durkheim. A especulação ficcional serve para ampliar erros e acertos como forma de didatismo, e no caso de Tarde, seu senso de humor não poupou nem mesmo a ciência. Mesmo que a utopia encontre um fim antiutópico de fracasso, ela não morre, a utopia sempre é, e continuará inspirando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COCOZZA, Antonio. **Utopia e società. Una critica alle società chiuse**. Armando Editore, 2004.

CONSOLIM, Márcia Cristina. **O “campo das ciências sociais” na França em fins do Século XIX: Instituições não Universitárias**. Universidade de São Paulo, 2011.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. **La Sociologie**. In: La Science française, Larousse et Ministère de l'Instruction publique et des Beaux-Arts, vol. 1. Paris, 1915. p.5-14.

GORDIN, Michael D. **Utopia/dystopia: conditions of historical possibility**. Princeton University Press, 2010.

JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (eds). **The Cambridge companion to science fiction**. Cambridge University Press, 2003.

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the future: The desire called utopia and other science fictions**. Verso, 2005.

LATOURE, Bruno. **Gabriel Tarde and the End of the Social**. In: The Social in Question. New Bearings in History and the Social Sciences, Routledge, London, 2002: 117-132.

LEVITAS, Ruth. **Utopia as method: the imaginary reconstitution of society**. New York: Palgrave MacMillan, 2013.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. São Paulo: ARX, 2004.

MORE, Thomas. **Utopia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MOYLAN, Tom. **Dark horizons: Science fiction and the dystopian imagination**. Psychology Press, 2003.

PENNA, João Camilo. **Ficção científica (da condição inumana)**. Disponível em: <[https://www.dropbox.com/s/70ix8qy8sccjqq8/Penna 2008](https://www.dropbox.com/s/70ix8qy8sccjqq8/Penna%202008)>. Acesso em 17 jun. 2018.

RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. **Le utopie di Thomas Morus e Ortensio Lando. Morus-Utopia e Renascimento** 10. 2015.

RINGER, Fritz K. **Fields of knowledge**: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920. University of Toronto Press, Back In Print, 1992.

RODRIGUES, Henrique Estrada. **A utopia no tempo, o tempo na utopia**. Texto apresentado ao Fórum De Teoria e História da Historiografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

SWIFT, Jonathan. **As viagens de Gulliver**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TARDE, Gabriel. **Fragmento de História Futura**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2013.

TROUSSON, Raymond. **Viaggi in nessun luogo**: storia letteraria del pensiero utopico. Ravenna, 1992.

VARGAS, Eduardo Viana. Multiplicando os agentes do mundo: Gabriel Tarde e a sociologia infinitesimal. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 172-176, Jun. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 jun. 2018.

_____. **Antes tarde do que nunca**: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais. Vol. 3. Contra Capa, 2000.

WELLS, Herbert George. Prefácio à edição inglesa. In **Fragmento de História Futura**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2013.